





Senhor Geraldo Machado:

Não sei como devo referir-me a Geraldo Machado. Hesito em chamá-lo escritor, por mais que tenha escrito sobre cinema, gestão cultural e outros assuntos igualmente importantes, porque esta seguramente não foi a sua profissão de fé, o seu ideário, ainda que muito tenha feito pela literatura baiana: premiando autores, promovendo edições, patrocinando eventos, criando oportunidades para que novos valores fossem revelados e, ao mesmo tempo, firmando vocações, reconhecendo talentos já confirmados, numa saudável e valiosa política de privilegiar aproximações, unindo os já consagrados aos que apenas iniciavam-se na carreira literária, sem preconceitos, sem apadrinhamentos, sem privilégios.

É bem provável que, na juventude, tenha cometido poemas de amor, acrósticos e sonetos bem guardados e escondidos: quem não os escreveu um dia, no auge da paixão? Portanto, não venho saudar o escritor que ele nunca imaginou ser, mas o homem de cultura, sempre voltado para as questões maiores da sociedade, projetando-se no mapa cultural da Bahia com um referencial de realizações que se projetam harmoniosamente no tecido cultural de nossa comunidade.

Esta mesma Academia, que hoje, com tanta alegria, o recebe, sempre foi merecedora de sua dedicada consideração, quando, à frente dos destinos da Fundação Cultural do Estado da Bahia, revelou-se um colaborador constante, não só através de verbas e benefícios, de convênios e projetos, mas, igualmente, pela presença atenta e continuada, pelo aconselhamento e pela amizade.

Desse mesmo modo amparou sempre as principais instituições culturais de nossa terra, não só as Academias e outras agremiações





poderosas, como também grupos menos privilegiados, que nunca viram negadas suas pretensões. Jovens rebeldes que, como os Poetas da Praça, exerciam o direito da crítica, muitas vezes de modo exacerbado, sem que, no entanto, por isso fossem discriminados, numa saudável demonstração de apreço às práticas democráticas. E, é bom que se diga, que aquele era um momento difícil quando, nos estertores da ditadura, vivia-se ainda sob uma atmosfera pesada que contaminava as consciências e entorpecia as vontades.

Impossível esquecer que foi em sua gestão, à frente da Fundação Cultural, no ano da graça de 1982, que foram comemorados os 50 anos de literatura de Jorge Amado com uma vasta programação que contava, além de publicações e atividades acadêmicas, com uma extensa exposição da vida e obra do romancista, em fotografias e capas de livros, em edições nacionais e estrangeiras, além de teses, ensaios, desenhos e ilustrações, que bem demonstravam a riqueza iconográfica gerada a partir de seus romances. Teatro, cinema e uma coleção de fotos de autoria de Zélia Gattai completavam essa mostra, realizada sob a coordenação de Zilah Azevedo e sua equipe, na qual, honrosamente, me incluía.

Esta vitoriosa iniciativa percorreu o país, de Fortaleza a Brasília, e teve seu ponto alto durante a Bienal Internacional do Livro, em São Paulo, no ano de 1982, quando, ocupando todo um andar do prédio onde se instalava essa grande festa dos livros, pôde mostrar ao público presente, a escritores e editores de várias partes do mundo, a força de uma literatura que pregava a utopia de uma sociedade sem a mácula do preconceito, na qual convivessem, harmonicamente, negros e brancos, índios e ciganos, árabes e judeus, na construção da democracia racial com que sonhou Pedro Arcanjo.

Ouso dizer que um dos grandes méritos dessa exposição foi revelar e conscientizar o público da imensa importância do acervo constituído pela




obra de Jorge Amado, em suas múltiplas ramificações, e da urgência em diligenciar-se para que este acervo não saísse da Bahia e aqui fosse guardado, estudado, reverenciado. Estava plantada a semente que alguns anos mais tarde frutificaria na Fundação Casa de Jorge Amado.

Embora tenha sido nomeado diretor da Fundação Cultural do Estado da Bahia, em 1979, Geraldo Machado já ali pontificava desde o início dos anos 70 quando, ao regressar de uma temporada de quatro anos de estudos na França, mais precisamente em Paris, com o currículo enriquecido de cursos sobre sua grande paixão, o cinema, esperava pôr em prática o que aprendera na Europa. Sonhava então em ser cineasta.

Voltar à Bahia depois de tantos anos e defrontar-se com a realidade provinciana, com a apatia que parecia contagiar todos, quando aparentemente, só havia duas alternativas — refugiar-se na contracultura ou acomodar-se ao padrão já estabelecido — foi um choque muito grande.

Geraldo Machado optou por uma terceira posição. Não poderia desperdiçar os conhecimentos adquiridos e muito menos os sonhos acumulados. Integrou-se de corpo e alma à nascente instituição. Como numa fotografia, esmaecida pelo tempo, vejo-o no Solar do Unhão, de bata branca, cabelos nos ombros, a esbanjar entusiasmo e juventude, ao iniciar um primeiro projeto, com que tanto sonhara: a Coordenação de Imagem e Som, que existia no papel, na letra de forma e na carência de equipamentos e de tudo.

Era contagiante sua alegria a cada conquista: a nova câmera que chegava, uma lente mais poderosa que se importava, uma ilha de edição mais moderna que lhe permitisse dar vida aos projetos que sua imaginação construía inspirada pela paixão do cinema e pela herança de Walter da Silveira, outro grande cultor da sétima arte na Bahia.



Ao mesmo tempo, movido por uma intensa curiosidade e pelo anseio de novos conhecimentos que o ajudassem a compreender os intrincados caminhos da administração cultural, buscava aprimorar-se através do estudo e da reflexão.

O tempo de sua volta coincidindo com o momento de criação da Fundação Cultural do Estado permitiu-lhe acompanhar o desenvolvimento de uma nova forma de se operar com políticas culturais, dando-lhe oportunidade de testar conceitos que adquirira na longa permanência na Europa.


A vivência no exterior permitiu-lhe uma visão mais precisa sobre a cultura brasileira — notadamente a baiana — em confronto com outras culturas.

Não vou me alongar sobre os anos da passagem, sobre a conquista de espaços, mediante a aplicação e o esforço, que culminaram com a chegada ao honroso e importante cargo de Diretor da Fundação Cultural do Estado.

Foi no Solar do Unhão, um dos mais privilegiados sítios da Baía de Todos os Santos — cercado de mar, carregado de história, desdobrando-se em beleza, tanto na arquitetura fantástica quanto na luxuriante paisagem — que, sobrepondo-se ao projeto inicial de uma carreira solo, definiu-se a vocação do administrador cultural na aceitação de servir à comunidade com o que de melhor possuía: sua sensibilidade, seu entusiasmo, sua competência.

Presidindo a tudo, o mar e a imensa escultura do Antonio Conselheiro, de Mário Cravo— duas testemunhas insuspeitas, o mar e o Conselheiro, daquele momento definitivo. Daí para a frente os acontecimentos se sucedem, os fatos — atropelam-se.

A mudança da sede da Fundação, passando a ocupar um andar inteiro



da Biblioteca Central, nos Barris, se o afastou daquele cenário maravilhoso, em compensação aproximou-o da realidade, da necessidade das rotinas, do cumprimento de tarefas que, ditadas pelo sonho, ansiavam por cumprir-se.

Naquela casa dos livros, naquele quadrilátero que parecia melhor condensar e canalizar as vontades, foi se delineando o grande projeto cultural que fez da gestão de Geraldo Machado uma inesquecível aventura do espírito.


Naquele momento, final de 1979, meu destino cruzou-se com o de Geraldo Machado, quando tive o privilégio de integrar a sua equipe, fato que define uma mudança de rumo em minha vida profissional.

O que, na minha opinião, fez daquele um momento único não foram as inúmeras realizações, os vitoriosos projetos, os grandes avanços. O que, ainda hoje, me emociona e encanta, era o clima de entusiasmo, de renovação, a busca por novos horizontes, uma espécie de febre que consumia a todos que integravam aquela administração.

A Fundação tornou-se um ponto de referência onde podiam ser encontrados, diariamente, artistas, intelectuais, escritores, acadêmicos, cineastas, produtores de arte, num vai- e-vem constante, numa troca de idéias e experiências, que vinha de encontro a nosso anseio de liberdade e aos novos rumos democráticos. Ali respirava-se a liberdade.

Evidentemente nada é perfeito. Houve momentos de negatividade, de dúvida, de aflição. Mas tínhamos o firme propósito de atingir um porto e um timoneiro à altura de nossos planos.

De resto havia muito por fazer e cada coisa foi se fazendo à sua hora, na medida exata das urgências inadiáveis: a Orquestra Sinfônica da Bahia, o Balé do Teatro Castro Alves, o Núcleo de História Oral. Ressalto, como de importância maior, as novas instalações do Museu de Arte da Bahia, sob a




coordenação de Emanuel Araújo, no palacete da Vitória, cedendo seu antigo endereço, na Avenida Joana Angélica, este mesmo onde ora nos encontramos, para aqui instalar-se, com toda pompa e todo conforto, a nossa Academia de Letras, dando-lhe com isso novo prestígio e maior visibilidade.

Nada escapava à visão de Geraldo Machado, rigorosamente nada escapava na valorização de manifestações culturais. Enquanto projetava-se a criação do Centro de Estudos Literários, no subsolo da Biblioteca Pública, numa sala apertada, cuidava-se da instalação do Núcleo de Literatura de Cordel, sob a coordenação de Edilene Matos, incumbida de pesquisar o Nordeste à cata de acervo, imagem e texto, sobretudo de títulos e autores.

Esse Núcleo de Cordel desenvolveu uma intensa participação, em sua área, com desdobramentos interessantes como a implantação da Banca dos Trovadores, no Mercado Modelo, que logo se tornou ponto de encontro de trovadores e cordelistas e de atração turística para quantos visitassem o mercado que, inegavelmente, é uma das atrações da cidade.

Nessa Banca foram realizados eventos importantes, lançamentos de folhetos, desafios e cantorias, celebrando efemérides e personalidades, fatos que culminaram com a homenagem a Jorge Amado pelos seus 70 anos de idade e 50 de vida literária quando, como correspondente da televisão peruana, aqui aportou o escritor Vargas Lhosa que, acompanhado de sua esposa Pilar e da escritora e hoje também acadêmica Nélide Piñon, comandou as filmagens para um programa televisivo, mostrando-se entusiasmado com a participação popular num evento que homenageava um escritor.

O projeto de criação do Centro de Estudos Literários, posteriormente transformado em Coordenação de Literatura, a princípio vinculado ao Serviço de Difusão Cultural, pretendia preencher uma lacuna no




organograma da Fundação que, até então, não possuía setor específico ao atendimento da área de Letras.

Batizado com o nome de Luís Gama, em homenagem ao grande escritor e abolicionista baiano, o Centro foi inaugurado, em 12 de agosto de 1982, com uma conferência do escritor e acadêmico da Academia Brasileira de Letras, Orígenes Lessa, especialmente convidado para falar sobre seu patrono.

Os encontros de Literatura Emergente I e II, feitos em parceria com o Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, a criação da Coleção dos Novos, projeto direcionado aos autores emergentes, revelando nomes hoje definitivamente reconhecidos no meio literário, foram passos importantes para novos investimentos na área das Letras. Para isso muito contribuíram os escritores da casa (entre os quais, modestamente, me incluo) — Guido Guerra, Carlos Cunha, Claudius Portugal, Diógenes Moura e Carlos Anísio Melhor que, motivado pela publicação do seu livro "Canto Agônico", editado em regime de co-edição pela Editora Civilização Brasileira, tornou-se um dos mais assíduos funcionários da Casa, com importante desempenho na seção de "Livros Raros" da Biblioteca Central, pela sua erudição e amor aos livros.

Compreendendo a importância de fazer o livro baiano circular nacionalmente, elegeu-se o sistema de co-edição como o mais apropriado, embora não o único por entender que a dimensão local era imprescindível, por maiores que fossem os riscos de não atravessar o limite das fronteiras do Estado. O setor de publicações, sob a supervisão gráfica de Humberto Vellame, ampliou sua atuação com novos projetos editoriais, buscando conferir identidade às marcas da Instituição.

Num momento em que isso representava desafio aos poderosos, Geraldo Machado não temeu assumir a responsabilidade de publicar o romance Os



Dias do Medo, de Ariovaldo Matos, detentor do Prêmio Xavier Marques e, ao longo de onze anos, proibido de circular. Mas, também, o que importa muito para sua biografia, teve a sensibilidade de retirar do anonimato, a que estavam condenados, os estudos de David Salles sobre o romantismo brasileiro e dar-lhes leitura nacional, sob o instigante título – *Do Ideal às Ilusões* – e com o prestígio do selo da Civilização Brasileira, pelo qual sairiam igualmente *A Pura Mentira*, de Antônio Brasileiro, *Supercaos*, de Evelina Hoisel, *O Jogo de Ifá*, de Sônia Coutinho e outros lançamentos de prestigiados autores baianos.

Com a Coleção dos Livros de Arte, inaugurada com *Iconografia dos deuses africanos no candomblé da Bahia*, de Carybé, a que se seguiu *Via Crucis*, de Raimundo Oliveira, o projeto editorial da Fundação Cultural ganhou nova dimensão: a de tornar-se uma referência nacional. Os álbuns *Quincas Berro D'Água*, de Jorge Amado, e *Oxossi o Caçador*, de Pierre Verger, enriqueceram o catálogo de títulos.

A grande contribuição de Geraldo Machado, como administrador e incentivador da área cultural, não se limitou, porém, apenas à promoção das Letras, embora nesse momento, pelo fato de nos encontrarmos num local onde, primordialmente, se privilegia a literatura, tenhamos procurado, intencionalmente, ressaltar, no imenso rol de atividades e colaborações no plano cultural, sua atuação nesta área.

Mas, também, é importante acrescentar, para bem fixar sua contribuição às artes, o apoio que foi dado ao teatro, sem privilegiar facções ou tendências – não apenas realizando concursos de dramaturgia para premiar o melhor texto, o autor mais expressivo – mas igualmente promovendo editais de licitação para montagens teatrais. Vale mais uma vez referir-se que o momento era particularmente difícil, pois nunca se sabia se o texto encontraria boa receptividade ou seria submetido aos rigores da



tesoura da Censura.


Contando com o irrestrito apoio do governador Antônio Carlos Magalhães, além de verbas federais, Geraldo Machado fez de Salvador, naquele período de 1979 a 1983, um dos grandes centros de cultura brasileira, considerado terceiro pólo de criação teatral no Brasil.

Também com o apoio da FUNARTE, através da doação de equipamentos, foram montadas, por Chico Liberato e Juarez Paraíso, as oficinas de Arte em Série, no Museu de Arte da Bahia.

Com a saída de Geraldo Machado, em 1983, a Fundação Cultural do Estado passou por grandes modificações. Cresceu, expandiu seu território, duplicou o número de funcionários. Teve momentos de brilho e dias opacos, mas nunca mais foi a mesma. Apesar de toda sua importância no contexto cultural baiano, os que vivenciaram aqueles momentos incríveis sentem que algo ficou inexoravelmente perdido; a instituição perdeu a sua alma.

Começa aí um processo importante, embora silencioso, para Geraldo Machado. A re-elaboração da vivência como di, a desidentificação com o cargo. O reinventar-se como cidadão, começar do começo, sem desprezar o já feito, construindo novas pontes para o futuro. E assim foi sendo feito nos anos que antecederam sua última conquista, como diretor da Fundação Luís Eduardo Magalhães, animado pela missão de resgatar a memória e, ao mesmo tempo, construir um novo percurso, sem perder a perspectiva humanista, ideal tantas vezes defendido no Conselho Estadual de Cultura onde sua presença marcante é sempre um estímulo à defesa do patrimônio e dos bens culturais.

No início desta fala, afirmei que Geraldo Machado não era um escritor, título que nunca postulou e que em verdade não o qualifica para a entrada nesta Casa.



A Academia de Letras da Bahia, a exemplo da Academia Brasileira de Letras e da Academia Francesa, que lhe serviram de inspiração e modelo, não se destina exclusivamente a homens e mulheres de Letras, que construíram um universo de vida e esperança, fechados num mundo de palavras, mas também, e de braços abertos, acolhe homens de cultura, que estendem generosamente a mão a todas as manifestações artísticas, comprometidos com o esteticamente belo e socialmente útil.

Por isso e por tudo mais, posso dizer agora: sede bem-vindo, Senhor Geraldo Machado. Podeis entrar, a casa é vossa, legitimamente vossa, porque muito fizestes para bem merecê-la.

Myriam Fraga
Academia de Letras da Bahia
Salvador, 31 de outubro de 2003